



**COM TENSÕES VERBAIS**  
**(subsídios de memória)**

*WITH VERBAL VOLTAGES*  
*(memory allowances)*

*CON TENSIONES VERBALES*  
*(subsídios de memoria)*

Lopito Feijóo<sup>1</sup>

**RESUMO:**

Memórias acerca do panorama estético-cultural do período pós-independência em Angola. Testemunho do poeta angolano Lopito Feijóo sobre a Brigada Jovem de Literatura de Luanda, no final dos anos 1970 e início de 1980, e sobre o projeto *Ohandanji*, em 1984-1985, movimentos de que fez parte, ativamente. Memórias e reflexões sobre a importância desses movimentos literários no quadro da Poesia Angolana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia, Angola, Brigada Jovem de Literatura de Luanda, Projeto Ohandangi, Lopito Feijóo

**ABSTRACT:**

*Memories about the aesthetic-cultural panorama of the post-independence period in Angola. Testimony of Angolan poet Lopito Feijóo about the Luanda Youth Literature Brigade, between late 1979 and early 1980, and about the Ohandanji, project between 1984 and 1985,*

---

<sup>1</sup> Poeta angolano, crítico literário e professor de Literatura Angolana é membro fundador da Brigada Jovem de Literatura de Luanda (BJLL) e do Coletivo de Trabalhos Literários Ohandanji. É membro da União de Escritores Angolanos (UEA). E-mail: [lopitofeijo@hotmail.com](mailto:lopitofeijo@hotmail.com)



*movements of which he was actively involved. Memories and reflections on the importance of these literary movements in the framework of Angolan Poetry.*

**KEYWORDS:** Poetry, Angola, Luanda Youth Literature Brigade, Ohandangi Project, Lopito Feijóo

### RESUMEN:

*Memorias del panorama estético-cultural del período posterior a la independencia en Angola. Testimonio del poeta angoleño Lopito Feijóo sobre la Brigada Jovem de Literatura de Luanda, en 1979-1980, y sobre el proyecto Ohandangi, en 1984-1985, movimientos de los que formó parte activamente. Memorias y reflexiones sobre la importancia de estos movimientos literarios en el marco de la poesía angoleña.*

**PALABRAS-CLAVE:** Poesía, Angola, Brigada Jovem de Literatura de Luanda, Proyecto Ohandangi, Lopito Feijóo

### EXTRATO DE LIVRO

(...) no liceu, influenciados pelas intensas actividades culturais realizadas pelo comité do bairro nos anos 74/75, descobrimos o vírus do universo nas entranhas do espírito: A POESIA. (FEIJÓO)

Saltou para dentro de nós o vício da versificação e das poéticas quando, enquanto aluno do Professor Baltazar na disciplina de Português, fomos por ele aconselhados e autorizados a escrever versos em vez da habitual redação da composição que (em regra) nos era solicitada no fim das provas. A elaboração das provas obedecia a uma estipulada estrutura que continha, numa primeira parte, as questões de análise e interpretação de textos, depois as questões da gramática da língua e num terceiro grupo, pediam-nos a elaboração de uma composição ou redação. Escrevemos muita “suposta” poesia no liceu. A classificação foi sempre a melhor. O professor encantava-se com os nossos “supostos” manuscritos poéticos que, logo depois, fazíamos questão de dactiloscrevê-los em casa, pois, com a conclusão do ensino primário, havíamos recebido de oferta uma máquina de escrever com o teclado do tipo *azert*, da marca Olivett e que, ainda hoje, sobrevive, mas só como peça de museu porque foi nela (ou com ela?) que dactilografamos as plaquetes *semi-brevés* que editamos nos anos 80 e os nossos quatro primeiros títulos publicados.

Bem no final da década de 70 e princípio dos anos 80, fomos encaminhados e chegamos ao curso pré-universitário, de acordo com o projecto de reformulação do ensino já no período pós-independência. Logo, alargaram-se os nossos horizontes. Encontramos, igualmente, professores e colegas «mais velhos» que admiraram, estimularam e sempre incentivaram a

nossa veia artístico-literária. A Isabel Costa, o Carlos Chicola (o médico e não o músico), o Jerry Lewis, a Natália do Espírito-Santo e o João António Caiato, naquela fase do aprendizado, da maturação e do conseqüente crescimento, foram fundamentais para nós.

Na condição de colegas encontramos e conhecemos gente adulta, responsável e fantástica de lidar. Gente com família já constituída e ocupando lugares ou pastas de direção e chefia nos órgãos e organismos do estado e do Partido/Estado. O Luís Gonzaga Wavuti, o Bartolomeu Ferreira Neto, o Bernardo Baptista «Ngá Mbala», a Miraldina dos Prazeres Veríssimo da Almeida, os irmãos Teles (Mário e Cândido), a Suzana Inglês, o Virgílio de Fontes Pereira, o João Mendes, o Alberto Estevão, a Balbina Malheiros, o «Camarada?» Capita, a Suzana Camunhoto, a Alzira Maria Mendes Campos Van-Dúnen, o Francisco Barbosa Sobrinho, a Irinna Bubka Tchekov (filha do então embaixador búlgaro em Angola), o Deolindo Casimiro Chongolola, o José Renato Peres Mamede, o Ndondele Santos André, a Bernardeth da Assunção e Silva Cadete, a Ana Maria Policarpo, o (Filo) Meno Merlat, o Lourenço Adão Agostinho, o João Leal Cordeiro a Domingas Nel e sua irmã Antónia, estão entre as pessoas com quem fraternal e amigavelmente partilhámos as carteiras.

Com o professor Jerry Lewis, vimo-nos estimulados a ler mais e muito mais. Silenciosamente e em alta voz. Com a professora Isabel Costa cimentámos o nosso gosto pela interpretação e análise dos textos literários que já trazíamos do liceu e acabamos por nos apaixonar pelo exercício do ensaio e da crítica literária. O professor Carlos Chicola, motivou-nos para analisar e questionar os recursos estilísticos e semióticos nos textos artístico-literários, de acordo com a teoria geral das representações, levando em conta que todas as formas e manifestações se assumem sempre de acordo com a estrutura de cada texto. Com ele aprendemos também a identificar o estilo dos autores.

Algo demais importante para nós, também, aconteceu naquela época. Iniciamos ali os nossos estudos da filosofia marxista. Mergulhámo-nos, embrulhámo-nos, compreendemos e assumimos o materialismo dialético e, paralelamente, estudámos o materialismo histórico. Estudámos a economia política do capitalismo e do socialismo tendo como base *O Capital*, de Karl Marx. Tivemos também algumas incompreensíveis aulas de comunismo científico com o qual, em boa verdade, não nos simpatizávamos. A prova provada de que não acreditávamos naquilo que se ensinava é o facto de nos termos desinteressado por estas matérias a tal ponto de, numa prova final, termos simplesmente alcançado a proeza de conseguir alguns 5 valores sobre os habituais 20 possíveis. Entretanto, era necessário transitar academicamente e, para tal, convocados para uma outra prova em recurso de 2ª época, depois de mais uma ou duas leituras dos cadernos, «rebetámos» com 20 sobre os 20 valores possíveis e nunca mais quisemos ouvir falar no assunto. Tudo pura utopia. Filosófica conversa da treta: sociedade sem classes. Sem propriedade privada. O Estado deixaria de ser um instrumento dominante. Deixaria mesmo de existir, pensando-se numa completa igualdade entre todos os Homens. Sonho. Simplesmente uma quimera.

A fase pré-universitária foi de muita e diversificada leitura. Filosofia, política, história, geografia económica e leituras de todo um conjunto de obras literárias de autores angolanos editados pela União dos Escritores Angolanos, num momento de «boom» editorial, com destaque para a prosa literária de Luandino Vieira, Manuel Rui, Uanhenga Xitu e Pepetela e para a grande poesia angolana de sempre.

Na verdade, estávamos nos preparando para o acesso ao ensino universitário e não podia ser de outra maneira. Todos os conselhos que recebíamos resumiam-se em: Muita leitura! O ramo académico do Direito exigia muita disposição para a leitura.

Estávamos em 1980 quando foi proclamada a Brigada Jovem de Literatura da qual fomos cofundadores. Éramos um grupo de jovens escritores e amantes da literatura decididos em homenagear o poeta e presidente Agostinho Neto, num momento de dor e luto, em razão do seu passamento físico ocorrido em setembro de 1979.

A ocorrência da morte de Agostinho Neto transformou-se num grande motivo de inspiração para a maior parte dos artistas e de todos os amantes das artes. Os músicos e compositores, com destaque para José de Figueiredo, Elias Diá Kimuezo, Matadidi Mário, Tabonta, Nonó Manuela, Pepé Pepito, Belita Palma e outros compuseram e cantaram interpretando de forma muito sentida a dor dos angolanos.

Os Homens das belas Artes desenharam e pintaram Neto. Os escritores e os simples amantes da literatura foram sublimes e criaram os mais profundos e significativos textos poéticos de acordo com a circunstância. Nostalgicamente todos os angolanos foram tocados e, como não podia deixar de ser, escrevemos e publicámos em 1979 os dois poemas que aqui transcrevemos e que passámos a considerar um marco do início da nossa publicação de poesia na imprensa, pois, antes, havíamos já publicado variadíssimos textos em programas da rádio, como o *Para Jovens* e o *Boa Noite Angola* da Rádio Nacional.

1

AINDA VIVE

É vida morte

e morte vida

morreu vivo

e vive morto

quem desabrochou

A BELA PÁTRIA!

Set/1979.

2

ETERNO PRESIDE/ENTE

Desejado irmão. Bem-amado pai,

filho esperado

NETO salvador

esperança sagrada amigo sonhador

com bico de lacre

e assas de condor

estrela luminosa no seio dos seus.

Eterno presidente

resistente, consistente e persistente

destino de unitário sentimento

destinatário de fino trato.

Candeia que ao povo sofrido alumia e seduz

renascente cruz espiritual

Kilamba nobre guia com fulgor

clamam os operários, camponeses e intelectuais

sempre foste, és e serás a luz

que nos conduz

NETO. NETO. NETO... no fundo de infindos corações!

Jan/80

A Brigada foi para nós uma autêntica escola literária. Nela, vivemos e convivemos com jovens na faixa dos vinte e poucos anos, relativamente, mais velhos e mais instruídos que nós. Gente que aparentava (...e como aparentava?) possuir um consolidado conhecimento do fenómeno literário e que, maioritariamente, já frequentava cursos superiores nas Faculdades de Engenharia, Medicina, Arquitectura e Economia.

O São Vicente, o Buca Boavida, o Carlos Ferreira, o Victor Fontes, o Rui Quartim, o Gastão Rebelo, o Job Graça, o Armando Cadete, o Carlos Silva (Bissau-guineense), o Bento Bento, o António Fonseca, o Eduardo Pimenta, a Irene Alexandra, a Domingas Nel, o Paulo

Ramos, a Maria Imaculada, o Fragoso Daniel, o Luís Rita, o Quim Neto, o Cisco Ministro, o Salvador Enoque (Canjamba) Soares, o Cândido Cândido e, um pouco mais tarde, o Luís Kandjimbo, vindo da Huíla, e o Nicolau Kudijimbe, vindo do Huambo, eram alguns dos mais dedicados e dos que maior protagonismo tinham.

O universo cultural académico crescia e, por isso, pensamos ser este o motivo que levou o então reitor da universidade, única no momento, a autorizar a utilização de um espaço na antiga Casa das Beiras, onde funcionava o Centro Cultural Universitário de Angola, para lá instalarmos a sede da nossa jovem instituição, nascida com autonomia e independência, mas guiada com a orientação, o apoio e sob o atento olhar clínico da União dos Escritores Angolanos.

No Centro Cultural, funcionavam também o orfeão da universidade, um grupo teatral afecto à Faculdade de Medicina e uma escola de música com as especialidades de canto e guitarra, todos frequentados pelos estudantes pré-universitários e universitários do momento. Aquele foi, realmente, um espaço cultural por excelência. Havia uma vida cultural universitária e, para além dos membros brigadistas já citados, outros ali também conviveram e cito: o Orlando Sérgio, a Anacleto Pederneira, o Xavier Jorge, o Lino Vieira, a Armanda, a Ana Major, a Inês Primo, o Manuel Victória Pereira, o Benza, o Carlos Lopes, o Castelhana e o Mário Rui Pires.

Em setembro de 80, realizámos, com muita emoção, a nossa primeira assembleia geral de membros, com interessantes debates de temas ligados à educação estética da juventude e a outros assuntos, que contaram com a participação de alguns ilustres e já consagrados autores membros da U.E.A. Nela, tiveram participação activa os escritores Luandino Vieira, Eugénio Ferreira, Pepetela, Manuel Rui, Costa Andrade e contou também com a presença ilustre do mais velho e «camarada» Lúcio Lara. Deste, lembramo-nos de uma intervenção em que manifestava a sua tamanha indignação pelo facto de nalguns círculos académicos e literários falar-se de alguns escritores angolanos que, sendo nacionalistas, acabaram por «trair a revolução», abandonando a luta que nos possibilitou alcançar a independência.

Ao longo da conversa ficou-nos a recomendação político-ideológica para que, admitindo-se a possibilidade da publicação de textos poéticos de um Viriato da Cruz, por exemplo, nos manuais escolares, a publicação devia fazer-se acompanhar de uma esclarecedora nota de rodapé com a referência: “Traidor da revolução e/ou da pátria”. Tal facto (relativo à nota de rodapé) nunca aconteceu e ainda bem que nunca.

A primeira assembleia geral de membros da Brigada foi um marco e uma grande festa para nós. Foi a primeira reunião de vulto e de carácter intelectual em que participávamos, depois da geral desmoralização juvenil na sequência dos acontecimentos de Maio de 77. A referida assembleia tinha também um ponto eleitoral. De lá saíram os primeiros corpos gerentes da instituição e nela fomos eleitos para o cargo de Secretário para a Administração e Correspondência. Aumentou a nossa responsabilidade. Humildemente, tivemos que vestir e

assumir calções, arregaçar as mangas das camisas e partir para o trabalho. Sim, para o trabalho! Trabalho administrativo e trabalho de prática literária. Com entrega total e muito prazer, transformamo-nos em uma espécie de pau para toda obra. A experiência valeu e ainda hoje nos serve.

Sempre ouvimos dizer que «não há presente sem passado». Por isso mesmo, quando ainda «simples?!» amantes da literatura, consciencializamo-nos do nosso desejo de sermo escritores conhecidos e reconhecidos em Angola, em África e quiçá no mundo; sabíamos que árduas horas de leitura nos esperavam e nada mais tínhamos para fazer senão investir nesse campo. O da leitura.

Então, nos primeiros anos da década de 80 e, pouco tempo depois, já no âmbito do projecto estético-literário OHANDANJI a que estivemos sempre ligados, propusemo-nos a ler, a conhecer e estudar a literatura angolana produzida e publicada por grandes nomes das gerações que nos antecederam. Lemos obrigatoriamente todos ou quase todos os autores que haviam publicado livros e outros que simplesmente publicaram em revistas jornais e mesmo em simples boletins informativos que continham algumas páginas literárias e/ou culturais. Lemos, estudamos, discutimos e polemizamos sobre José da Silva Maia Ferreira, sobre Joaquim Dias Cordeiro da Mata e sobre a Geração de 1900. Estudamos os textos de: «A voz de Angola Clamando no Deserto». Esgravatamos e curtimos os jornais do Século XIX.

Não podíamos olvidar António de Assis Júnior, Castro Soromenho e Óscar Ribas. Passamos pelos autores do «Vamos descobrir Angola» e pelos demais movimentos e publicações que se seguiram e, dentre as quais, se destacam a «MENSAGEM» e a «CULTURA». O «Roteiro da Literatura Angolana» do Carlos Ervedosa foi material de estudo obrigatório e foi por esta via que aprofundamos os nossos básicos conhecimentos relativos à cultura e à literatura tradicional oral.

Aprendemos a valorizar as adivinhas, os provérbios e contos que não raras vezes nos servem para escrever a poesia que escrevemos e publicamos hoje.

A nossa sede e vontade de saber obrigou-nos a ler os poetas guerrilheiros e os da geração silenciada dos anos 70 ao mesmo tempo em que líamos autores doutras paragens. Alguns dos clássicos franceses, russos, brasileiros e portugueses. Os grandes africanos e os maiores da América Latina, dentre outros. Em Luanda, o Instituto Nacional do Livro e do Disco - INALD editou e publicou duas conseguidas coleções de livros com importantes autores: **Vozes da América Latina** e **Vozes de África**. Entretanto, nunca nos esquecemos dos grandes nomes da literatura dos outros países africanos de língua portuguesa.

Resta-nos, neste parágrafo, referir que tudo o que escrevemos e publicamos não deixa de ter, voluntária ou involuntariamente, a marca e as influências de todo um passado activo

que contribuiu para a formatação do nosso carácter e para a formação da nossa personalidade. A biblioteca municipal de Luanda, no edifício-sede do governo da província, foi tacitamente eleita como o espaço local de frequência para as nossas leituras. Foi lá que lemos livros como a *Divina Comédia*, o *Contrato Social*, *Os Maias*, os *Retalhos da Vida de um Médico* e a *Morgadinha dos Canaviais*.

A função que exercemos nos corpos gerentes da BJJ possibilitou-nos o contacto com centenas e centenas de jovens escritores e amantes da literatura espalhados por todo o país e, inclusivamente, em países estrangeiros, onde havia estudantes bolseiros angolanos. O Movimento brigadista, iniciado em Luanda, criou as suas raízes e espalhou-se por quase todas as províncias do país, onde, posteriormente, foram sendo proclamadas brigadas locais, tendo tido actividades e maior destaque as fundadas na Huíla, no Huambo, no Kwanza Norte, no Uíge e na Lunda Norte. Apareceram também com algum destaque as brigadas da União Soviética (ou da Rússia?), de Cuba, da Checoslováquia e da Polónia.

Testemunhando, debitamos aqui um curto episódio da “verdadeira” História da literatura angolana. Quando, em 1983, rompemos com a instituição (BJJ), estávamos inconformados com o rumo do discurso «cantalutista» que perseguia e tomava o que publicavam os jovens escritores e amantes da literatura maioritariamente enquadrados na Brigada Jovem de Literatura em Luanda, a BJJ. Optamos pela preparação e publicação de um MANIFESTO estético-literário que, em um domingo, dia 22 de abril de 1984, viria a apanhar de surpresa toda a sociedade literária na urbe luandense.

Foi, de facto, uma pedrada no charco, o surgimento do projecto estético-literário do Colectivo de Trabalhos Literários OHANDANJI, em torno do qual estávamos (e estamos!) com Luís Kandjimbo, Domingos Ginginha, Aníbal Simões (Baladar) Diníz Kakinda, Joca Paixão, Frederico Ningui e António Panguila, dentre outros confrades que viriam mais tarde a aderir (ainda que silenciosamente, assumindo o projecto) até pelas amostras das suas práticas literárias.

O Américo Gonçalves era o coordenador/fundador do *Vida & Cultura*, então Suplemento Cultural do *Jornal de Angola*. Inesperadamente, dele recebemos toda a atenção, o apoio e uma abertura de invejar, em termos de espaço, na consagrada folha dominical de Cultura. Sábado após sábado, estávamos lá na redação do Jornal, editando, fotocompondo, escolhendo as ilustrações e, com toda a liberdade, montando os fotolitos dos textos que publicávamos ao domingo para a nossa satisfação, fruição e consagração.

O Américo sabia da nossa base instalada em um quartito do terceiro andar da antiga residência universitária, na rua Rei Katiavala, onde residia o Luís Kandjimbo e realizámos históricos encontros (alguns dos quais reportados no próprio *Jornal de Angola*) da nossa tertúlia.

O Américo sugeriu e aconselhou-nos um profundo sigilo nas ações que precederam a

publicação do nosso MANIFESTO, pois, na altura, ao contrário do que hoje acontece, o segredo era a alma dos negócios. No nosso burgo capitalino, a simples opinião era um «caso sério» e de segurança do Estado. Escasseavam as folhas, os espaços e os palcos culturais. A democracia estava centralizada e, supostamente, caminhávamos rumo ao socialismo.

O Américo esteve sempre conosco e com Rui Duarte de Carvalho que, igualmente, sem pestanejar, aceitou. Abraçou-nos e foi o nosso suporte intelectualmente consagrado, a quem tivemos a oportunidade de entrevistar, também sob proposta dele mesmo (A.G.), para publicamente calar os nossos detractores de então. E outros factos seguiram-se. pois vivíamos em um tempo, em que queríamos fazer valer as coisas que (como havia dito o Joca com alguma «Paixão») já dizíamos, quando ainda não falávamos. As coisas que agora repercutem-se “intensas em timbres cavernosos nos labirintos dos espaços ora descobertos”.

Dolorosamente é de um cúmplice que vos falamos. De um cúmplice da nossa proposta OHANDANJI. E não podemos deixar de lembrar, para o Américo, o que havia, em um oportuno momento, dito o confrade Paixão: «A proposta mantém-se agora com mais vigor do que nunca. Com preocupações de exercitação da escrita em quadrantes vários de experimentação permanente... em busca de um núcleo conteudístico das coisas cá da terra e não só, ...procurando engravidar a perfeição em luarentas noites de sunguilar<sup>2</sup> sobre os motivos sempre nossos e sempre novos; amassar com as mãos o barro de Talamungongo com as águas do Kwanza, reproduzir no ar o quadro natural gerado na Chela e exposto na Tundavala. Apreciar o membro erecto do homem investido de beleza ali em Kilimandjaro».

O projecto Ohandanji foi..., é... e continuará sendo um motivo de reflexão estética e cultural. Por via dele, em 1983/84, rompemos com a tendência «cantalutista» da literatura e principalmente da poesia angolana. Introduzimos uma acentuada marca Experimentalista e Concretista nos nossos escritos. Os esforços dos leitores nem sequer correspondiam a 50% do esforço que despendíamos para escrever e lembro-me que, há trinta e cinco anos, fomos por muitos acusados de escrever difícil. Escrever de forma ilegível. De maneira incompreensível. Fomos acusados de praticar uma escrita obscura. Alguns críticos até ousaram sugerir represálias políticas para nós, pois desconfiavam existir uma «escura e oculta mão» por trás de tudo o que publicávamos, graças ao avançado nível de compreensão do «nosso» grande herói do jornalismo cultural angolano, que era o Américo Gonçalves, editor e coordenador do suplemento *Vida & Cultura*, único e regular espaço na imprensa cultural dos anos 80. Entretanto, infiltraram agentes dos serviços de segurança no nosso meio, frequentaram as nossas tertúlias e alguns de nós, conseqüentemente, acabámos por ser proibidos de publicar no *Jornal de Angola* os nossos textos por sugestão da então direcção da União dos Escritores Angolanos que havia endereçado uma carta à direcção do referido matutino, cujo director era o «mais velho» jornalista e escritor

<sup>2</sup> A palavra sunguilar, do kimbundo de Angola, significa: seroar, passar a noite, quer cavaqueando, quer narrando passatempos, como histórias, adivinhas, quer folgando ..

Mário Guerra. Mas, ainda assim, continuamos fazendo as nossas publicações sob pseudos nomes. Eu era o João Lopes de Ave-Zedo.

Na verdade, estava acontecendo uma revolução no universo literário angolano. Estávamos renovando o processo e a **coisa** literária local. Assumindo uma certa continuidade, corajosamente estávamos rompendo com o *modus faciendi* que vigorava até ali.

Incentivados pelo Rui Duarte de Carvalho, chegamos a fazer exposições de poesia, no âmbito do nosso Colectivo de Trabalhos Literários OHANDANJI. A primeira de todas que se fez em Luanda, em 1984, foi organizada por nós, no Centro Cultural Universitário.

Hoje, mais do que nunca, o projecto segue seguro e com raízes por toda a escrita dos mais novos autores e, principalmente, dos mais sérios e atentos. A prova pode ser encontrada nas demais redes sociais. Modéstia à parte, a nossa marca está bem patente na melhor poesia e prosa que ali se publica. É visível o enraizamento cultural espesso que advogamos para a nossa prática literária. São bem visíveis os traços de uma moderna angolanidade e africanidade que também advogamos. Alguns laivos de prática Experimentalista e Concretista estão sendo assumidos pelos mais representativos elementos dos novíssimos **movimentos** e **grupos** literários juvenis que vão surgindo um pouco por todos os cantos de Angola e que se estão dando a conhecer, principalmente, nas redes sociais, por via da internet que consideramos ser o maior ganho humano dos tempos modernos.

J.A.S. LOPITO FEIJÓO K.

Odivelas, 2019

#### Referências:

#### Algumas Obras de Lopito Feijóo:

FEIJÓO, Lopito. **Entre o écran e o esperma**. 1985.

\_\_\_\_\_. **Doutrina**. Luanda: UEA, 1987.

\_\_\_\_\_. **Cartas de amor**. Luanda: UEA, 1990, 47p.; Pontevedra: Fundação Europeia Viqueira Braga; Instituto Internacional da Lusofonia, 1990; reedição 1ª ed., Vila Nova de Cerveira: Nóssomos, 2013.

\_\_\_\_\_. **O brilho do bronze: haikais**. [prefácio Lourenço José; edição Mateus Volódia]. 1ª ed., Luanda: Kilombelombe, 2005.

\_\_\_\_\_. **Marcas da guerra, percepção íntima e outros fonemas doutrinários**. Vila Nova de Cerveira: Nóssomos, 2011.

\_\_\_\_\_. **Lex e cal doutrina**. Vila Nova de Cerveira: Nóssomos, 2011.

\_\_\_\_\_. **Desejos de Aminata - poesia erótica**. [apresentação António Panguila; ilustrações Luandino Vieira]. Vila Nova de Cerveira: Nóssomos, 2014.

\_\_\_\_\_. **Coração telúrico | Coure tellurico**. Edição bilingue. Brasil: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2015, 98p.

\_\_\_\_\_. **Andarilho e doutrinário - Luanda 50 anos ... poemas**. (reúne notas, recensões críticas, ensaios e opiniões dos mais distintos professores universitários sobre a obra do autor e celebra os 50 anos de Lopito Feijóo).. [apresentação Amélia da Lomba]. Luanda: Triangularte, 2013.